

A música popular contemporânea sob a ótica da escola sociológica de Frankfurt. Instrumento de alienação ou de libertação? (Parte I)

Alex de Araújo Pimenta¹

Resumo

O artigo aborda a música popular nos meios de comunicação de massa, a partir das seguintes pontos: influência cultural; efemeridade programada e caráter essencialmente comercial, propício à alienação e à padronização de comportamentos, mediante o pouco espaço disponível ao despertar do senso crítico nos cidadãos. Ao mesmo tempo reconhece méritos históricos advindos da indústria fonográfica e aponta experiências recentes de bom uso dos meios tecnológicos de difusão de conteúdo.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Cultura de Massas. Música Popular.

Abstract

The article deals the popular music in the mass media, from the following points: cultural influence; ephemeral programmed and nature essentially comercial, conducive to alienation and standardization of behaviors through the little space available to the awakening of the critical sense in the citizens. At the same time it recognizes historical merits due from the music industry and points recent experiences of good use of technological means of broadcast content.

Key Words: Critical Theory; Mass Culture; Popular music.

¹ Mestre em Direitos Sociais, Difusos e Coletivos – UNISAL – SP; Especialista em Sociologia e em Direito Público – UGF – RJ; Bacharel em Direito – UNESA – RJ; Procurador Municipal efetivo – RESENPREVI – RJ.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva verificar a utilização da música, pelos meios de comunicação de massa – especialmente brasileiros – como mais um instrumento de comércio, padronização e alienação popular, sob a ótica da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, capitaneada por Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin.

A opção pela música se deu por sua capacidade de expressar maciça e objetivamente o momento histórico e social de sua evidenciação, além de sua força como instrumento de alheamento e, por que não dizer, de provocar êxtases individuais e coletivos, sejam eles positivos ou não, ao mesmo tempo em que podem desempenhar relevante papel na formação cidadã.

2. REVISITANDO OS CLÁSSICOS PARA ENTENDER O PRESENTE

Evoluindo do marxismo ortodoxo, que primordialmente enfatizava o aspecto econômico para o entendimento da realidade, os pensadores frankfurtianos – que, aliás, não formavam uma escola propriamente dita, mas advinham de diversas áreas do conhecimento – não se afastando de tal elemento, mas conjugando-o com a psicologia, a cultura, os meios de comunicação e a educação, identificaram-se num grupo, que dentre outras qualidades, sistematizaram os efeitos da tecnologia na sociedade.

Dentre seus membros, há que se destacar, no presente estudo, os trabalhos de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

De plano, a Teoria Crítica por eles formulada inicialmente pode parecer desatualizada, em função de ter sido desenvolvida num período de grandes rupturas econômicas e sociais, marcado por governos totalitários de grande amplitude e quando a tecnologia, em especial os meios de comunicação, ainda não experimentavam a rapidez e o desenvolvimento atual. Porém, deve-se observar que, pela sua própria essência de textos inacabados, é passível de revisões, tomando-a como importante referencial no estudo de temas referentes à indústria cultural, a violência tecnológica e a estética da barbárie.

Dentre esses elementos culturais focados pelos estudiosos da aludida escola, está a música.

Theodor Adorno, ao tratar da Educação após Auschwitz, já ensinava que:

um mundo em que a técnica ocupa posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a expressão do braço dos homens. Os meios e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana são fetichizados, porque os fins – uma



vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmações gerais, como estas até são convincentes. Porém uma tal hipótese ainda é excessivamente abstrata. Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. (1995, p.131-132)

Horkheimer, outro renomado autor da mesma escola sociológica, em sua obra *Eclipse da Razão*, de 1946, aponta:

parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do bem, enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. (2002, p. 134)

E nessa mesma linha segue:

A emancipação do indivíduo não é uma emancipação da sociedade, mas o resultado da liberação da sociedade da atomização. Uma atomização que pode atingir o cume nos períodos de coletivização e cultura de massas. (2002, p.139)

Sobre a ideia de massa, a primeira característica é a uniformização dos homens, sob a batuta do psicólogo social francês Gustavo Le Bon, citado por Horkheimer e Adorno.

Seja qual for a espécie de indivíduos que compõem a multidão, por semelhantes ou díspares que possam ser seus modos de vida, suas ocupações, caráter e inteligência, o simples fato de estarem transformados em massa dota-os de uma espécie de alma coletiva, em virtude da qual sentem, pensam e atuam de um modo inteiramente distinto ao que cada um deles, separado um dos outros sentiria, pensaria ou falaria. (1956, p.79)

Assim, ela permitiria a concretização dos instintos primitivos os quais o homem, sozinho, não sentiria aguçado a realizar, fazendo-os retroceder a semelhança de um ser primitivo ou uma criança.

Nessa linha, o fenômeno das massas estaria mais voltado ao sentimento de reacionarismo humano que o de revolução, na medida em que estaria submetida, não só pela imitação do seu líder, mas essencialmente à mobilização por coisas superficiais e à manutenção pela tradição.

(...) A incessante mobilidade das multidões só atua sobre as coisas superficiais. Na verdade, têm instintos conservadores irredutíveis, como todos os seres primitivos. O seu respeito fetichista pela tradição é absoluto, tanto quanto é profundo o seu horror inconsciente por toda novidade, capaz de modificar suas condições de vida. (1956, p.80)

Citados autores da Escola de Frankfurt reconhecem em parte a concretização da tese de Le Bon, mesmo sob as condições da sociedade moderna e tecnológica, em que se pressupõe formada por cidadãos mais esclarecidos. (HORKHEIMER e ADORNO, 1956, p.81)

Entretanto, criticam a psicologia das multidões de Le Bon, por enfatizar demasiadamente os aspectos negativos e ver o fenômeno das massas como inimiga dos princípios da cultura – como se remata das afirmações abaixo - defendendo um poder que as mantenham sob controle, a ponto de fomentar a corrupção totalitária.

A História nos ensina que, quando as forças morais, que são a estrutura de uma civilização, deixam de atuar, essa multidão inconsciente e brutal, justamente classificada como bárbara, gera a dissolução final. As civilizações foram criadas e guiadas, até esse momento, por uma pequena aristocracia intelectual, nunca pela massa, que só tem poder para destruir, e cuja hegemonia representa sempre uma fase de barbárie. Uma civilização implica sempre na existência de regras estabelecidas, uma disciplina, uma passagem do instinto à razão, a previsão do futuro, um alto grau de cultura – condições estas que são, todas elas, inteiramente inacessíveis às massas entregues a si mesmas. Com o seu poder unicamente destruidor, as massas atuam como aqueles micróbios que aceleram a desintegração dos organismos debilitados ou dos cadáveres. Assim, quando o edifício de uma civilização está minado pelos vermes, as massas são as que produzem a derrocada final. Manifesta-se então a sua função principal e, num abrir e fechar de olhos, a filosofia do Número converte-se na única filosofia da História.” (idem. p. 82)

Por outro lado, o famoso psicanalista Sigmund Freud, em estudos a partir da obra de Le Bon, sob fundamentos diversos, dentre os quais o Ego-ideal, a identificação com o coletivo, a sublimação dos impulsos sexuais e o sentimento social, se propõe a explicar os motivos pelo qual o indivíduo, em grupo, encoraja-se a expressar seus impulsos instintivos inconscientes, sob fundamentos diversos.

(...) O que ele fez foi reduzir a tendência para a identificação com a massa e, por conseguinte, a gênese das propriedades psicológicas da massa, ao indivíduo e à sua relação com a família. E os fenômenos da massa não ocorrem em virtude de algumas misteriosas propriedades da massa como tal correspondem a processos psíquicos que se desenrolam em cada um dos indivíduos que participa da massa. Esta não é um fenômeno primário, mas secundário. Os homens



não se fazem massa por simples quantidade, mas sob a ação de condições sociais específicas, entre as quais se incluem tanto o comportamento do líder ou de outra figura paterna, como a identificação com o líder, com os símbolos ou com a horda de seus próprios semelhantes, submetidos à mesma dependência. (idem, p. 85)

(...) Freud investigou pormenorizadamente os complicados mecanismos pelos quais se produz o chamado masoquismo das massas, sua disposição a submeter-se ao mais forte, sua vontade gregária, sua aversão a todo o grupo estranho. Os horrores que hoje ameacem o nosso mundo não são produzidos pelas massas, mas por tudo aquilo e por todos aqueles que se servem das massas, depois de terem-nas engendrado. (idem, p. 85)

Horkheimer e Adorno advertem que não é o simples fato de alguém ou um grupo dispor de modernos meios de comunicação, como rádio e TV, que os garante a dominação das massas, mas como são utilizados, afirmando que “os meios de comunicação, por si só, não constituem o perigo social” (1956, p.87). No mesmo sentido, Eva Maria Lakatos (1996, p.115)

Esta mesma socióloga objetivamente ensina a diferença entre público e massa, após caracterizar o primeiro como conjunto de indivíduos que reúnem certas características como comutatividade, ampla participação na formação e na resposta a opiniões e autonomia enquanto que na massa há forte presença dos agentes na difusão, controle e fiscalização dos meios, dificuldade de reação e desproporção entre os que expressam suas opiniões e os receptores, em condição de quase que total inatividade. (LAKATOS, 1996)

A predominância de determinados tipos de comunicação é, assim, uma característica que distingue o público da massa; o meio de comunicação básico numa comunidade de públicos, é a discussão, que pode ser ampliada e animada por veículos de comunicação, se existirem, estabelecendo-se, desta forma, um elo entre “públicos primários”. O tipo de comunicação que predomina, numa sociedade de massa, é o veículo formal, e as pessoas, expostas ao conteúdo desse veículo de comunicação de massa, tornam-se receptáculos mais ou menos passivos de opiniões já formadas. (op. cit., p. 112)

Assim, percebe-se que os detentores dos meios de comunicação são verdadeiras elites, capazes de informar o que, como e quando desejam à maioria passiva, então tratadas por massas.

Milton Santos, em sua obra “Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal”, aponta a diferença entre a cultura genuinamente popular, à cultura de massas, esta imposta pelo mercado detentor dos amplos meios de difusão. (2000, p. 145)

Embora esta tenha inquestionável força, dada às técnicas com que se criam símbolos, são difundidas e vendidas, a cultura que advém espontaneamente do povo, de um território, tem a seu favor a autenticidade e a constância e de seus símbolos, junto ao

desenvolvimento social. Por sua vez, os símbolos produzidos pela cultura de massas são estancados, pelo que a necessidade de rapidamente serem substituídos por outros. Eis o que também afirma Lakatos.

A cultura em transformação e crescimento somente encontra-se em sociedades onde a relação transmissor-receptor permite a retroalimentação; em outras palavras, onde há comunicação nos dois sentidos, não há cultura de massas, pois sua característica mais acentuada é sua esterilidade para as finalidades do saber compartilhado, por tratar-se de uma veiculação sem canais de retorno; fundamenta-se no dizer ordenado alienante, não seletivo, do tipo “um para todos”. (op. cit, p. 114)

De qualquer forma, é certo que a cultura popular pode aproveitar-se dos mesmos meios de comunicação disponíveis para a sua propagação – naturalmente de forma mais modesta que os grandes conglomerados – sem que isso a descaracterize como tal, até porque nem todos estão plenamente inseridos no mercado de consumo e dessa maneira vão buscar integra-se, comunicar-se como sabem e com o que dispõem.

Ao falar da emergência das culturas locais, num contexto primordialmente global, Moysés Alencar de Carvalho e Fernando Antônio de Carvalho Dantas, em artigo denominado “Direito e as múltiplas forças atuantes nos processos culturais” (2007) observam:

Um movimento inesperado, tendo-se em vista as expectativas causadas pela globalização, tem se acentuado ao redor do mundo - a revalorização e emergência das culturas locais. Movimento esse que parece paradoxal em um mundo que parecia rumar a uma aldeia global. Contudo, poucos são os convidados a participar dessa aldeia, relegando à grande massa populacional do planeta uma posição subumana de excluídos.

Nesse sentido, os meios de comunicação comunitários vem ganhado espaço no Brasil. Notória pela sua resistência, a ponto de ter sido retratada em filme, é o caso da Rádio Favela FM, de Belo Horizonte. Embora também privilegie conteúdos musicais comuns às demais emissoras comerciais, dada a forte influência da cultura de massas, abre espaço para que a cultura própria da comunidade seja retratada e a sua maneira².

Edgar Morin, quando em estudo sobre a Metamorfose Cultural - embora não tão radical quanto Adorno quanto ao aniquilamento da cultura pela sua industrialização massificante, eis que a reconhece como primeira cultura universal da história do homem, apenas concorrendo com as culturas nacionais, humanística e religiosas - demonstra o quanto ela molda a vida moderna, promovendo mudanças significativas em todos os setores. A casa é o local onde o indivíduo pretende libertar-se das pressões do trabalho, do mercado, enfim, da modernidade, sendo um suposto oásis de harmonia individual e restritamente familiar. Mas, na realidade, é configurada em função da televisão, da imprensa e do rádio – atualmente há que se agregar computadores, tablets, celulares e



outros – que tem local de destaque, supostamente como meios de aliviar supracitadas tensões modernas. Nisto, os indivíduos, em sua maioria, não percebem que, embora numa suposta redoma, estão sujeitos a todo o tipo de pressão externa, justamente por tais cultuados objetos, que sob o manto do entretenimento, informação e espetáculo, o moldam, até mesmo no tocante à arrumação da residência, a partir da elevação dos bens de consumo, verdadeiros símbolos de um suposto bem estar. (1975, p. 111).

Seguindo essa concepção de metamorfose, o mesmo autor em seguida aponta a constante necessidade de mudança, pelo que passa a vender utopias cada vez mais intensas, mesmo que provisórias, como o lazer dos fins de semana; as férias, os quais se pede vênua ao mesmo para também atualizar os mencionados clubes de férias com resorts; cruzeiros marítimos; parques da Disney; festas rave; formaturas, dentre outras³.

Assim, a cultura de massas se metamorfoseia, se “policentrista”, mas porque corresponde cada vez mais à sociedade que a produz. Ela é, efetivamente, o produto do mercado em que se encontram as potências do capitalismo industrial moderno e da civilização burguesa. Em um sentido, o consumidor cultural corresponde bem ao que dizia Marx: o produtor cria o consumidor (...). Não seria apenas o objeto para a pessoa, mas uma pessoa para o objeto”. Mas como implicitamente observava Marx, a pessoa, o homem consumidor, não é integralmente criada pelo produtor. É o produto de uma longa e complexa dialética histórica que desenvolve o individualismo moderno no quadro burguês. Ao mesmo tempo que o sistema industrial traz a este individualismo a ideologia eufórica e os espetáculos de evasão para integrá-lo, este individualismo, principalmente pela intermediação da intelligentsia engajada mas insatisfeita no ciclo de produção da indústria cultural, apresenta seus problemas e também dos de sua própria crise. (1975 - 2, p. 111)

Adorno já advertia que o próprio projeto de urbanização, com seus apartamentos, já o submetem ao poder absoluto do capital, vendendo uma ilusão de individualidade. No Brasil, notam-se propagandas de condomínios, em especial de apartamentos das grandes cidades, em que, muito embora descrevam modernas e cada vez mais completas áreas comuns, como espaços gourmets; salões de festas por faixas etárias; piscinas; saunas e outros adereços, não se integram ao restante das cidades, criando supostas ilhas da fantasia, muitas vezes em áreas urbanas onde o caos impera para a grande maioria da população.

De qualquer forma, a justificativa da massificação da cultura é que a partir da tecnologia foi possível satisfazer as necessidades supostamente iguais, de mais pessoas. Edgar Morin (op. cit) reconhece que os discos long playing e o rádio (o que atualmente

3 Exemplo publicado no Jornal “O Globo”, do dia 23 de março de 2013, se dá com a matéria intitulada “Formaturas que valem mais que um apartamento”. Aborda o poder da indústria das formaturas, que em poucos anos alterou os padrões para níveis comerciais até então inimagináveis para eventos dessa natureza. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/formaturas-que-valem-um-apartamento-7932712>> Acesso em 20 Jul. 2013.

poder-se-ia atualizar para CD's, DVD's, Blu-rays, arquivos e streaming) multiplicaram Bach, sem que isso suprimisse o valor de um concerto - a exemplo da qualidade de um livro, porém em edição mais popular - resistindo a essa integração que a técnica permitiu entre a alta cultura e a de massas.

Entretanto, não deixa de criticar a vulgarização a que a arte está sujeita, mediante processos elementares de simplificação.

Simplificação, maniqueização, atualização, modernização concorrem para aclimatar as obras de alta cultura na cultura de massa. Essa aclimação por retiradas e acréscimos visa torna-las facilmente consumíveis, deixa mesmo que se introduzam nelas temas específicos da cultura de massa, ausentes da obra original como, por exemplo, o happy end. A capa ilustrada dos livros de bolso é apenas um chamariz de apresentação em que nada modifica o obra reproduzida. A aclimação cria híbridos culturais. (1977, p. 55).

Há que atentar o leitor, que Adorno é de uma época em que a interatividade de receptores com transmissor das informações era limitado, diferentemente do que ocorre com os atuais meios, tanto que cita em sua obra a transição do telefone - onde ainda há inevitável participação dos destinatários - ao rádio e a TV em seus primórdios, verdadeiras mãos de via única.

Aliás, essa mão única continua a ser a tônica dos grandes meios de comunicação, especialmente os tupiniquins, ainda que o advento da tecnologia digital promettesse uma revolução quanto à interatividade, muito além da mera qualidade de som e imagem para os canais de televisão⁴.

Por sua vez, trazendo essa concepção para a música, percebe-se que atualmente já há uma boa interação do público, dada a patente decadência do rádio, da televisão e das grandes gravadoras (majors) como ditadoras de sucessos. Vide a supremacia da internet quando se trata de distribuição e difusão musical, a partir da disseminação dos arquivos MP3, I-TUNES, MySpace ou You Tube⁵.

Adorno ainda critica a tentativa de estilizar a cultura, por entender que nada mais é que um meio de massificação. Ele afirma que a grande obra de arte sempre se negou a se enquadrar num estilo, ao contrário da obra medíocre, que sempre buscou essa identidade com outras. Logo, não haveria nada mais contrário à cultura que querer falar e catalogar a própria cultura.

Porém, em função do sistema econômico dominante - capitalista - a necessidade de aceitação pelo meio social, já empastelado pela mídia, fez com que tais fenômenos se propagassem, como já pregava juntamente com Horkheimer na Dialética do Esclarecimento:

4 Sobre isso, reportagem de Paulo Cezar Soares na edição nº 195/2013 da Revista Caros Amigos, que entrevistou a Dra. Patrícia Maurício, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, autora do livro "Conflitos da TV Digital Brasileira", da Editora Apicuri e Editora PUC-Rio.

5 Remete-se o leitor interessado em se aprofundar no tema ao livro "Admirável Chip Novo - A música na era da internet" de Rose Marie Santini. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=ohp-CD6dFWQQC&lpq=PA9&ots=WoiY89w4nN&dq=m%C3%BAasicas%20internet%20cd&lr&hl=p-t-BR&pg=PA9#v=onepage&q=m%C3%BAasicas%20internet%20cd&f=false>> Acesso em 20 Jul. 2013.



A postura que todos são forçados a assumir, para comprovar continuamente sua aptidão moral a integrar essa sociedade, faz lembrar aqueles rapazinhos que, ao serem recebidos na tribo sob pancadas dos sacerdotes, movem-se em círculos com um sorriso estereotipado nos lábios. A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos tem que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas.” (1985, p. 113-114)

Tomando como referência o que ensina Edgar Morin, não há que se renegar a música popular como uma não arte, ou ainda de qualidade inferior, no sentido de despreza-la por sua origem taxada de vulgar. (2011, p. 135).

Porém, descabe negar a primazia do mercado sobre tal fenômeno cultural, ora visto como objeto de consumo eis que: “a canção é o mais cotidiano dos objetos de consumo do dia-a-dia.” (idem, p. 141)

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALBIN, Ricardo Cravo. O Livro de Ouro da MPB. História de nossa música popular de sua origem até hoje. 4ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARGULHES, Delmo de O., DOMINGOS, Marcelo J. Jazz, Rock 'n' Roll, Música Pop, Regressão da Audição e Fetichismo na Música. Apontamentos sobre um velho texto de Theodor W. Adorno. 2003. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/598/394>> Acesso em 19. Jul. 13.
- BAUR, Steven. Você diz que quer uma revolução: Os Beatles e Marx. In: IRWIN, Willian (Coord.). Os Beatles e a Filosofia. São Paulo: Madras, 2007. IV, p. 97 – 114.
- BILLBOARD, Revista. Disponível em: <<http://www.billboard.br.com/pt-br>> Acesso em 19. Jul. 13.
- BUCKINGHAM W. et. al. O Livro da Filosofia. São Paulo: Globo S.A., 2011.
- CARVALHO, Moysés A. de., DANTAS, Fernando A. de C. Direito e as múltiplas forças atuantes nos processos culturais. 2007. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/salvador/fernando_antonio_de_carvalho_dantas.pdf> Acesso em: 22 Jun. 2013.
- CASAGRANDE, Jaques Luis. A influência da indústria cultural nas preferências musicais de adolescentes do ensino fundamental e médio: estudo de caso. 2007. Monografia (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/handle/123456789/3097>> Acesso em: 22 Jun. 2013.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ESTRELLA, Maria. Rádio Fluminense FM: a porta de entrada do rock brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2006.

FAVELA, Rádio. Disponível em: <<http://radiofavelafm.com.br/home>> Acesso em 20 Jul. 2013.

FERNANDES, João Paulo. Do samba de Chico ao rock de Arnaldo: Poesia multifacetada. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/06/Do-samba-de-Chico-ao-rock-de-Arnaldo-Poesia-multifacetada.pdf>> Acesso em: 22 Jun. 2013.

FOLHA. Disco do Pink Floyd entra para acervo da Biblioteca do Congresso americano. 21 Mar. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1250068-disco-do-pink-floyd-entra-para-acervo-da-biblioteca-do-congresso-americano.shtml>> Acesso em 20 Jul. 2013.

GONTIJO, Silvana. O Livro de Ouro da Comunicação. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOMEM, Wagner. História de Canções - Chico Buarque. São Paulo: Texto Editores, 2009.

HORKHEIMER, Max. Eclipse da Razão. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. e ADORNO, Theodor W. Dialética do esclarecimento. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Temas Básicos da Sociologia. 2.ed. São Paulo: Cultrix Ltda, 1956.

LACERDA, Bruno Renato. A escuta musical na era do advento das mídias: ideologia da recepção midiática. 2007. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anais-congresso_anppom_2007/semiotica/semiot_BRLacerda.pdf> Acesso em: 22 Jun. 2013.

LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral. 6ª ed., São Paulo: Atlas, 1996.

MOLES A.A. et. al. Linguagem da Cultura de Massas. Televisão e Canção. Seleção de ensaios da revista “communications”. Petrópolis: Vozes Ltda, 1973.

MORIN, Edgar. Cultura de Massas no século XX. O espírito do tempo – 1 NEUROSE. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

_____. Cultura de Massas no século XX. O espírito do tempo – 2 NECROSE. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

_____. O Método 6. Ética. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PENA VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R.S.; PETRAGLIA, Izabel. (Orgs.) Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SANTINI, Rose Marie. Admirável Chip Novo – A música na era da internet. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=ohpCD6dFWQQC&lp-g=PA9&ots=WoiY89w4nN&dq=m%C3%BAstica%20internet%20cd&hl=p-t-BR&pg=PA9#v=onepage&q=m%C3%BAstica%20internet%20cd&f=false>> Acesso em 20 Jul. 2013.



SANTOS, Cleonice dos. Preferências Musicais de Alunos de 5ª a 8ª série da rede municipal de ensino de Curitiba “Significados da Escuta”. 2007. Monografia (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em <http://www.ppge.ufpr.br/teses/M07_santos.pdf> Acesso em: 22 Jun. 2013.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000.

SILVEIRA, Luís Gustavo G. Uma introdução à crítica de Adorno a Música Popular. Disponível em: <<http://www.demac.ufu.br/semanadamusica/Textos/Texto05.pdf>> Acesso em: 22 Jun. 2013.

SOARES, Paulo Cezar. Debate Sobre a TV Digital foi interditado por Emissoras. Caros Amigos, Rio de Janeiro, Jun. 2013.

WAIZBORT, Leopoldo. Sacrifício e liquidação do sujeito: notas sobre a sociologia da música de Adorno. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 2(2): 145-164, 2.sem. 1990.

WREDE, Catharina. Formaturas que valem mais que um apartamento. O Globo, Rio de Janeiro, 24 Mar. 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/formaturas-que-valem-um-apartamento-7932712>> Acesso em 20 Jul. 2013.